



VI KEELAND

AUTORA
BEST-SELLER DO
THE NEW
YORK TIMES

ENGANO

irresistível

UNIVERSO DOS LIVROS

ENGANO
irresistível

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606
CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

VI KEELAND

ENGANO
irresistível

São Paulo
2018

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

Beautiful Mistake

Copyright © 2017 by Vi Keeland

Copyright © **2017 by Universo dos Livros**

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de
19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Editora-chefe: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Aline Graça e Letícia Nakamura**

Tradução: **Alline Salles**

Preparação: **Jéssica Dametta Cruz**

Revisão: **Sandra Scapin e Leonardo do Carmo**

Arte: **Aline Maria e Valdinei Gomes**

Capa: **Thiago de Barros**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

K34e

Keeland, Vi

Engano irresistível / Vi Keeland ; tradução de
Alline Salles. – São Paulo : Universo dos Livros,
2018.

336 p.

ISBN 978-85-503-0279-9

Título original: Beautiful mistake

1. Literatura norte-americana
2. Literatura erótica
3. Ficção I. Título II. Salles, Aline

18-0159

CDD 813.6

Índices para catálogo sistemático

Às vezes criamos o nosso próprio caminho. Às vezes o caminho é criado para nós, e a única coisa que podemos fazer é segui-lo.

Capítulo 1

Rachel

Deve haver uma explicação científica para a relação entre ser geneticamente abençoado e agir como um babaca.

Olhei de novo, tentando entender o motivo para a minha amiga estar parada em pé do lado de fora do banheiro masculino, completamente embriagada. Claro que a fila para o banheiro feminino estava cinco vezes maior, porque só os homens podem se aliviar quando têm vontade. O Cara Casado estava ali parado, digitando em seu celular – provavelmente mentindo para alguma mulher que não desconfiava de nada. Analisei o seu dedo anelar esquerdo enquanto os outros trabalhavam com afinco. Sem aliança. *Pasma*. Tenho certeza de que um aliança brilhante de metal, que simboliza o comprometimento eterno com outra pessoa, costuma dificultar o ato de dizer que está solteiro e *procurando a mulher dos seus sonhos*.

Aff. Que babaca.

Eu amo Ava, mas acho que desconfiaria de qualquer cara com seus trinta anos que dissesse esse tipo de besteira no primeiro encontro.

Meu olhar subiu da mão do Cara Casado para o seu rosto, exatamente no momento em que ele olhou para cima. Se ao menos olhos pudessem lançar facas... Fiz careta para o desgraçado. Não sei por que fiquei surpresa quando ele sorriu para mim.

Idiota.

Provavelmente pensou que eu o estava secando.

Peguei meu celular do bolso para me distrair, olhar para baixo e ler algumas mensagens enquanto aguardava. Só que... eu não conseguia ler as malditas palavras sem os óculos. Deixei o celular de lado e senti que estava sendo observada enquanto esperava

pacientemente. Franzir o cenho usa mais músculos faciais do que sorrir, e não valia a pena produzir uma ruga por aquele idiota.

Depois de ir ao banheiro e quase queimar as mãos ao lavá-las – a água da pia no O’Leary tem apenas uma temperatura: mais quente que tudo –, estava pronta para ir para casa. Meu turno tinha terminado há mais de uma hora, e Ava havia ficado depressiva desde que o traidor entrara, então duvidava de que ela se oporia a ir embora mais cedo.

Uma voz grave bonita me fez parar ao sair do banheiro.

– Eu te conheço de algum lugar?

Virei-me e vi o Cara Casado desencostando-se da parede, como se estivesse me esperando. *Ignore-o, Rachel. Não vale a pena gastar seu tempo com ele.* Olhei em seus olhos para garantir que ele soubesse que eu o tinha escutado, então me virei de costas e segui pelo corredor comprido até o bar.

Ele não entendeu a deixa. Seguindo ao meu lado enquanto eu me distanciava, ele começou a dizer alguma coisa. Parei de repente e virei para encará-lo.

– Você é um completo babaca. Sabia disso?

Ele teve a coragem de parecer surpreso.

– Eu? Então, acho que nos conhecemos mesmo?

– Conheço o seu *tipo*.

– O que isso significa?

Revirei os olhos.

– Você pensa que só porque é lindo pode ferrar com todo mundo, que pode sorrir e se safar de qualquer coisa. Bom, espero mesmo que o carma te pegue algum dia, que sua esposa bonitinha acabe dando para metade de Nova York e te transmita uma DST que faça seu pau grande cair.

Ele ergueu as mãos.

– Ouça, docinho, não sei quem você pensa que eu sou ou o que pensa que meu *pau grande* fez de errado, mas tenho quase certeza de que está me confundindo com outra pessoa.

Minha expressão lhe dizia para parar de mentir.

– Estou aqui com *Ava*.

– *Oh. Ava*. Isso explica tudo.

Rosnei para ele – literalmente.

— Grrrrrrr... Bom, deveria.

O imbecil deu um sorriso enorme.

— Você fica fofa quando rosna assim.

Meus olhos quase saltaram para fora.

— Está mesmo *dando em cima de mim*?

— Isso seria errado, não seria? Considerando... que você sabe sobre mim... e sobre Ava e tal.

— Você é um mala. — Virei para me afastar.

— Espere. — Ele pegou meu braço, me fazendo parar de novo. — Posso te perguntar só uma coisa?

— O quê?

— Quem é Ava?

Inacreditável. Era o tipo de cara que não se lembrava do nome das mulheres com quem transava. Quero dizer, fazia *duas semanas* desde a última vez em que haviam dormido juntos.

— Volte para casa, para sua esposa, *Owen*.

Deixei o Owen Casado parado no corredor e voltei para a mesa onde Ava estava afogando as mágoas em silêncio.

— Quer ir embora daqui? Estou meio cansada e preciso me levantar cedo.

Achei melhor não mencionar meu pequeno desentendimento com Owen. Isso só pioraria as coisas. Infelizmente, Ava tinha começado a se apaixonar de verdade pelo babaca. No mês em que estavam saindo, ele a fez delirar, enchendo-a com aquele papo de como via o futuro deles, com dois filhos e um *pug*.

Ironicamente, ele estava certo. O futuro deles envolvia, sim, dois filhos e um *pug*. Porque ele estava segurando uma coleira enquanto passeava com suas duas filhinhas loiríssimas no momento em que ela o viu no parque. Só que ele se esqueceu de mencionar que, nessa versão do futuro, sua *esposa* também estaria segurando o filho deles de um mês de idade enquanto passeavam.

Ava cambaleou um pouco ao sair da banquetta.

— Eu deveria subir neste balcão e dizer para todas as mulheres tomarem cuidado com aquele babaca.

Em outra situação, eu teria concordado. Mas, naquela noite, tinha quase certeza de que, se ela subisse no balcão, acabaria no hospital.

— Ele não é digno da sua saliva.

Peguei a blusa dela do encosto da banquetta e segurei para que ela vestisse. Ava suspirou e, nas duas primeiras vezes, errou o buraco para enfiar o braço.

Atrás do balcão, Charlie — que tinha nos ouvido quase a noite toda — estava servindo uma cerveja.

— Chega. De agora em diante eu quero nomes. — Ele bateu a caneca cheia no tampo de madeira, derramando cerveja por todo lado. — Vou investigar qualquer babaca com quem uma de vocês duas estiverem saindo. — Charlie O’Leary era dono do *pub* no Brooklyn onde Ava e eu trabalhávamos. Ele também era um policial aposentado.

Sorri.

— Ok, mas saiba que isso me faz querer te dar nomes de suspeitos de assassinato, só para ver suas orelhas ficarem daquela cor roxa adorável quando você está bravo. — Inclinei-me sobre o balcão e lhe dei um beijo na bochecha. — Boa noite, Charlie.

Ele resmungou alguma coisa sobre ser grato por não ter filhas e me deu tchau.

— Podemos sair pela porta dos fundos? — Ava perguntou. — Não quero passar por ele na saída.

— Claro. É lógico.

Entrelacei meu braço no dela para me certificar de que ficasse equilibrada enquanto andávamos. Depois de dar alguns passos, olhei para cima e vi o Cara Casado parado ao lado da porta dos fundos.

— Humm, Ava, deveríamos sair pela frente. Ele está parado na porta dos fundos agora.

Ela olhou em volta.

— Não, ele está na porta da frente conversando com Sal, o novo garçom.

Ela estava mais bêbada do que eu pensava. Apontei o queixo na direção da saída, uma linha reta até Owen.

— Aquela é a porta de trás, Ava.

— Eu sei. Owen está na da frente.

Franzi o cenho.

— Aquele não é o Owen? Com a camisa azul de botão?

Ela bufou do jeito que pessoas bêbadas geralmente fazem.

— Eu disse que ele era o cara bonito de camisa azul, não o deus grego com cara de modelo.

Virei rapidamente minha cabeça em direção ao bar. Havia apenas um cara perto da porta da frente e eu não o conhecia. Ele estava conversando com Sal.

— Owen está conversando com o novo garçom agora?

Ela olhou de novo e, então, suspirou e assentiu.

— Eu deveria falar para Sal dar um soco nele.

— Ava... o cara conversando com Sal agora, neste exato momento, é Owen?

— Sim.

— A camisa dele é *marrom*, Ava. Não azul.

Ela se virou de novo para a porta da frente, apertou os olhos e deu de ombros.

— Talvez. Não estou conseguindo enxergar muito bem. Minhas lentes estão embaçadas por causa da maquiagem e do choro.

Quando ela dissera que o seu ex havia acabado de entrar no bar e apontara para a direção da porta da frente, havia apenas um cara com uma camisa azul de botão.

Merda.

Tinha despejado tudo no cara errado.

Já que eu não podia fazer Ava sair pela porta da frente, onde o *verdadeiro* Owen estava parado, engoli em seco. Claro que o Owen Errado ficou de olho em mim, com um sorriso no rosto, enquanto eu caminhava até a porta de trás.

Ele assentiu para minha amiga quando passamos.

— Tenha uma boa noite, Ava. Boa noite, Estressadinha.

Saí de maneira covarde, olhando para a frente, sem fazer contato visual com o cara, até estarmos fora do estabelecimento.

Ava não estava tão determinada. Virou a cabeça e manteve os olhos fixos no Owen Errado, mesmo quando saímos na rua. Ela podia estar bêbada e com lentes embaçadas, mas não estava cega.

— Puta merda. Viu aquele cara? E ele disse meu nome?

Olhei para trás enquanto a porta do bar se fechava. O Owen Errado acenou com um sorriso presunçoso.

— Você está ouvindo coisas.



Deus, eu ia me atrasar.

Como se as aulas de segunda não fossem ruins o suficiente depois de trabalhar em dois turnos no domingo, minha blusa estava com uma mancha de café, porque tive que pisar fundo no freio quando um idoso passou em um Cadillac enorme. Ele resolveu que precisava virar à esquerda... estando na faixa da direita.

O primeiro dia de aula sempre era um pesadelo. As pessoas perambulavam pelo *campus*, ou ficavam paradas no meio do caminho, enquanto ensinavam aos colegas o caminho para os muitos prédios. Buzinei para dois alunos que faziam exatamente isso. Eles olharam para mim como se eu fosse a irritante.

Vamos. Mexam-se, pessoal.

Depois de dar três voltas pelo estacionamento, parei em um lugar reservado em frente ao Nordic Hall. Estiquei-me para remexer no porta-luvas, e metade do conteúdo caiu no chão enquanto eu procurava o que precisava.

Achei.

Enfiei um bilhete antigo debaixo do meu limpador de para-brisa e fui para a sala 208. Precisava muito fazer xixi, mas teria que segurar até o fim da aula. Eu sabia de três coisas sobre o professor West, além de que ele era do departamento de composição de música. Um: ele se livrou de sua última auxiliar porque ela se recusou a corrigir todos os trabalhos que ele queria. Dois: na última semana, quando eu contava para alguém que havia sido remanejada para o professor West, todo mundo fazia uma cara — nada encorajadora — e dizia que ele era um babaca e que quase fora demitido alguns anos atrás. E três: detestava quando os alunos chegavam atrasados. Era conhecido por trancar a porta da sala assim que a aula começava, para que os retardatários não conseguissem interromper.

Nenhuma dessas opções caía bem para mim. Mas que escolha eu tinha? Havia perdido meu cargo de auxiliar do professor Clarence quando ele morreu de forma repentina por conta de um aneurisma, há três semanas. Nessa altura, eu tinha sorte de estar realocada. E, sem o cargo de auxiliar, não conseguiria pagar a mensalidade do

Conservatório de Música. Já estava trabalhando como garçom em tempo integral no O'Leary só para pagar meu aluguel e uma parte da mensalidade.

Quando eu cheguei na sala de aula, gotas de suor desciam por meu decote. A porta estava fechada, então esperei um minuto, na tentativa de ficar mais apresentável, alisando meus cachos escuros e selvagens o máximo que conseguia, considerando a umidade. Era inútil tentar tirar a mancha que cobria quase meu seio direito inteiro, então, em vez disso, troquei de mãos e a escondi com a pasta de couro que estava carregando. Inspirando fundo, segurei a maçaneta da porta.

Trancada.

Merda.

E agora? Verifiquei a hora em meu celular. Estava apenas oito minutos atrasada, e era o primeiro dia do segundo semestre letivo do ano. Mesmo assim, o professor já havia dado início à aula lá dentro. Será que eu deveria bater à porta e interromper a aula, sabendo que ele implicava com isso? Ou simplesmente não apareceria no meu primeiro dia no novo cargo?

Atraso era o menos pior.

Ou foi o que pensei.

Bati levemente à porta com os nós dos meus dedos, torcendo para algum aluno no fundo da sala escutar e me deixar entrar sem ser notada.

O professor ficou em silêncio assim que a porta se abriu. Era um auditório, então eu entrei pela fileira de cima, enquanto ele estava lá embaixo. Para minha sorte, quando entrei na ponta dos pés, ele estava de frente para o outro lado e escrevendo na lousa.

— Obrigada — sussurrei ao me acomodar no assento mais próximo do fundo e soltar a respiração de alívio.

Mas talvez aquela sensação de imunidade fosse prematura.

O professor ainda estava escrevendo quando perguntou:

— Quem chegou atrasado?

Aff.

Queria me afundar no assento e fingir que não tinha sido eu. Mas eu era a auxiliar, não uma aluna. Precisava que eles me respeitassem, já que daria aula nessa sala às vezes.

Limpei a garganta.

— Eu cheguei atrasada, professor.

Ele tampou a caneta de lousa e se virou.

Pisquei algumas vezes. Meus olhos só podiam estar zoando comigo. Peguei a bolsa, encontrei meus óculos e os coloquei — mesmo que minha visão de longe estivesse perfeitamente normal —, como se, por algum milagre, colocar os óculos fosse transformar em outra pessoa o homem parado à frente da sala.

Mas não era outro.

Não havia como negar. Aquele era um rosto do qual as pessoas não se esqueciam.

Um maldito rosto lindo.

Era *ele*.

Putá merda.

Era *ele* mesmo.

Estava ferrada.

Eu estava realmente ferrada.

O professor observou a sala de mais de duzentos alunos, incapaz de determinar de onde a voz tinha vindo. Rezei para que ele desistisse e desse uma bronca geral na sala sobre sua intolerância em relação a atrasos.

Não tive essa sorte. Nunca tive nenhuma.

— Levante-se. Quem quer que tenha chegado atrasado, por favor, levante-se.

Ah, Deus.

Senti o peso do desconto na mensalidade de vinte e cinco mil dólares que eu tinha como auxiliar naufragar no meu estômago. Foi difícil me levantar da cadeira. Mas ele estava aguardando. Não tinha como evitar. Isso seria um problema.

Hesitante, levantei-me, prendendo a respiração para ele não me reconhecer.

Talvez tivesse bebido muito e nem se lembrasse de nossa rápida conversa no bar, na noite anterior.

— Não vou tolerar atrasos de alunos. Isso interrompe a minha aula.

— Entendi.

A luz acima de sua cabeça refletia em seu rosto como se ele fosse um ator em cima de um palco, dificultando a visão das fileiras no topo da sala. Ele ergueu a mão e encobriu os olhos. Agora, eu estava vinte fileiras acima dele — devíamos estar a mais de quarenta e cinco metros de distância —, mesmo assim, quando nossos olhos se encontraram, ficaram travados como se fôssemos as duas únicas pessoas na sala.

Soube o momento em que ele me reconheceu. Assisti a tudo em câmera lenta. Um sorriso preguiçoso se abriu em seu rosto bonito, embora não um sorriso de felicidade. Diria que era mais parecido com um cachorro que acaba de encurralar um gatinho no canto e está prestes a se divertir com o pobrezinho.

Engoli seco.

— Não acontecerá de novo. Sou Rachel Martin, professor. Sua auxiliar.

Capítulo 2

Rachel

A sala estava completamente vazia. Nem tinha certeza se ele sabia que eu ainda estava sentada lá. Se sabia, estava fazendo um ótimo trabalho em me ignorar enquanto guardava o seu notebook.

— Ao contrário dos boatos que provavelmente ouviu, eu não mordo.

Pulei quando ele falou. Agora que o auditório não estava mais cheio de alunos, a acústica do espaço enorme ressoava sua voz grave por todas as paredes.

Levantei-me e comecei a descer pela passarela da vergonha até a frente da sala. Sem dúvida, eu devia um pedido de desculpas ao cara, mesmo que ele não fosse um professor — um professor que seria meu novo chefe pelas quinze semanas seguintes, no mínimo. Queria me dar um chute na bunda por não ter me desculpado na noite anterior, quando saí do bar. Agora, iria parecer que só estava fazendo isso por causa da situação em que estava envolvida.

O que era verdade, não me entenda mal, mas não queria que *parecesse* isso.

Respirei fundo.

— Sinto muito por ontem à noite.

A expressão dele era ilegível.

— Imaginei que sentiria, bem neste momento.

— Obviamente, pensei que você fosse outra pessoa.

— Foi o que deduzi. Você pensou que eu fosse o babaca, o cara do pau grande, não é?

Fechei os olhos. Durante os últimos noventa minutos havia repassado a conversa toda da noite anterior na minha cabeça. Pensei que tivesse me lembrado de tudo que havia dito mas, aparentemente, não lembrava. Quando abri os olhos novamente, o

professor West ainda estava me observando. Seu olhar era bem intenso.

Desatei a falar.

— Minha amiga Ava saiu com esse cara chamado Owen por um mês ou mais. Ele falava um monte de merda desde o primeiro dia, mas ela não percebeu. Certa noite, quando ela estava saindo do trabalho, ele foi ao seu encontro e disse: “Você se importa se te acompanhar até a sua casa? Minha mãe sempre disse para seguir os meus sonhos”. Ela caiu na dele, em toda a farsa, desde o primeiro dia. Então, em um sábado, ele estava supostamente fora da cidade, a trabalho, e ela estava do outro lado da cidade fazendo umas coisas para a mãe. Ao voltar do mercado, ela pegou um atalho pelo Madison Square Park e deu de cara com ele. Ele estava com a esposa e as filhas.

— E, aparentemente, você pensou que eu fosse ele?

Assenti.

— Ela chegou durante o meu turno e começou a beber vários Long Island. Quando Owen entrou, ela apontou para a direção em que ele estava e disse que era o cara de camisa azul.

— E imagino que nós dois estivéssemos de camisa azul?

Não consegui me conter e sorri, pensando em Ava na noite anterior.

— Na verdade, não. Ava não é de beber muito. Acabou que ela estava mais alterada do que pensei. A camisa de Owen era marrom... Não era nem preta, que poderia ser confundida com azul-marinho ou algo assim.

Observei os lábios do professor West se curvarem.

— De qualquer forma, sinto muito mesmo. Mal lhe dei chance de falar e, quando percebi o que tinha acontecido, fiquei com tanta vergonha que nem parei para me desculpar.

— Aceito sua desculpa por ontem à noite. Embora não devesse abordar um homem no corredor para lhe dar um sermão sozinha, suas intenções foram admiráveis.

Eu deveria ter ficado quieta e grata por ele aceitar minha desculpa. *Deveria*.

— Por que não posso abordar um homem no corredor?

Ele me mediu com o olhar.

— Porque você tem um metro e meio, e isso não é nada em um bar barulhento. Ninguém teria te ouvido se eu tivesse te arrastado para o banheiro dos homens e trancado a porta.

Cruzei os braços à frente do peito.

— Eu sei me cuidar.

— Não disse que não sabe. Disse que não deveria se colocar nessas situações.

— Mas insinuou que eu não conseguiria fazer isso.

Ele fechou o zíper de sua mala de couro.

— Srta. Martin, acabei de aceitar seu pedido de desculpas por me chamar de babaca ontem à noite. Gostaria que eu retirasse essa aceitação?

Deus, eu era mesmo uma idiota. Ficar perto desse homem parecia me transformar em uma psicopata.

— Não, desculpe. Agi como uma idiota e gostaria de começar de novo, se for possível.

Ele assentiu.

— Tudo o que aconteceu antes desta manhã está esquecido.

— Obrigada.

— Mas esta manhã não. Não vou tolerar atrasos. Não deixe acontecer novamente.

Engoli.

— Não deixarei.

Ele pendurou sua mala de couro marrom gasto no ombro.

— Me encontre aqui amanhã, às cinco. Vamos verificar o planejamento e as aulas que você vai dar, assim como as correções que vai fazer.

Nesse horário eu estaria bem no meio do meu turno, mas daria um jeito.

— Ok.

— Acabou por hoje?

— Acabei. Na verdade, tenho que ir para o trabalho. Estou cobrindo o turno de Ava porque ela não está se sentindo muito bem depois de ontem à noite. Nós duas trabalhamos no O'Leary.

— Você é garçonete lá?

— Garçonete, *bartender*, e de vez em quando dou uns sermões.

Isso fez o professor West me presentear com um sorriso amplo. *Deus, ele deveria fazer mais isso.* Não, esqueça. Definitivamente, não deveria.

— Te acompanho.

Andamos pelos corredores juntos e saímos no estacionamento. Quando chegamos ao lugar do meu carro, eu parei.

— Eu fico por aqui. Então... cinco horas amanhã?

O professor West olhou para o meu Subaru velho e usado.

— Você estacionou em um lugar reservado para o reitor. Tomou uma multa. — Ele apertou os olhos. — Na verdade, parece que tomou *duas* multas de estacionamento. Seu bilhete expirou ou algo assim?

Droga.

— Humm... não. Tenho um bilhete extra no porta-luvas e coloco no meu limpador quando sou obrigada a estacionar em um local proibido.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Criativa.

— Obviamente nem sempre dá certo.

— Obviamente.

— Eles precisam aumentar o estacionamento. Quando se está atrasado, é impossível achar uma vaga.

Ele me analisou.

— Imagino que seja frequente você se atrasar?

— Infelizmente, sim.

— Então preciso esclarecer uma coisa que disse mais cedo.

— Ah, não, não é necessário. Não me atrasarei para a sua aula.

Ele deu um passo à frente e se inclinou.

— Fico feliz em ouvir isso, Srta. Martin. Mas não é isso que precisa ser esclarecido.

Engoli. Deus, ele cheira bem.

— Mais cedo, eu lhe disse que não mordia alunos. — Ele sorriu, e eu senti a perversidade daquilo atingir locais interessantes. — Não mordo. Mas não prometo não morder auxiliares estressadinhas.



Algumas garotas tinham pais que atiravam quando os garotos iam buscar suas filhas em casa. Eu tinha Charlie.

Embora fosse proibido fumar em estabelecimentos fechados na cidade de Nova York há pelo menos dez anos, Charlie ainda acendia seu cigarro atrás do balcão. Benson & Hedges sem filtro. Quem ousaria confrontar um ex-policial grandalhão?

— Então, quem é esse cara que vai encontrar hoje à noite? — Ele tirou o taco que guardava atrás do balcão e o colocou no tampo. — Vou deixar isso aqui para quando ele chegar.

Dei risada ao erguer a bandeja de bebida.

— Estou bem, Charlie. Ele é um contador de trinta e dois anos, de Upper East Side.

— Não se deixe iludir. As aparências enganam. Sal parece muito com açúcar, docinho.

Eu não sabia por que estava tentando namorar agora. Desde que as coisas acabaram com Davis, há oito meses, fiquei em um hiato de encontros autoimpostos. Não tinha tempo nem energia para colocar em um relacionamento. Sem contar que eu não tinha um bom histórico com homens, em geral. Fazia isso mais para animar Ava. No último inverno, ela e o namorado terminaram depois de sete anos de namoro, bem no aniversário de vinte e cinco anos dela. Eles estavam juntos desde o último ano do Ensino Médio. Após meses vendo-a triste, finalmente a convenci a entrar em um desses sites de encontro. Me inscrevi por solidariedade, pois nunca tive realmente a intenção de sair com alguém. Que ótimo trabalho eu havia feito: foi nesse site de encontro que ela conheceu o Owen Casado. Com amigas como eu para animá-la, logo ela começaria a tomar Prozac.

Entreguei os drinques à minha mesa e tirei um pedido da mesa oito, mesmo depois que o meu turno tinha terminado. Basicamente, eu estava enrolando para me trocar e me preparar para o encontro. O serviço para as mesas no O'Leary acabava a qualquer hora que quiséssemos depois das oito, e o lema de Charlie para qualquer um que não gostasse disso era: "Tem uma lanchonete no fim da rua. Não deixe a porta bater na sua bunda quando sair".

Depois de tirar o uniforme, me lavei no banheiro, passei máscara de cílios, gloss nos lábios carnudos e me olhei no espelho. Tinha

sorte de ter herdado a pele de porcelana da minha mãe, assim nunca precisava usar muita maquiagem. Pensei em realçar meus olhos verdes com um pouco de lápis preto, mas mudei de ideia. *Já está bom*, pensei. Essa, provavelmente, não era a maneira ideal de me preparar para um primeiro encontro.

Depois de nossa troca de e-mails inicial, Mason parecera legal o bastante para que eu continuasse a conversar com ele pelas últimas semanas. Cumpria todos os requisitos do cara certo para eu dar uma chance: bem empregado — check. Educado — check. Mais de trinta, mas não perto dos quarenta — check. Não escrevia coisas, como *ctz* e *foi mal* nas mensagens — check. Bonito. Bem-arrumado. Check, check. Eu deveria estar mais animada. Muito tempo tinha se passado desde Davis... Já estava na hora de seguir em frente.

Eu o vi antes que ele me notasse. Tinha ido ao estoque pegar algumas garrafas de tequila para Charlie e vi Mason olhando para os lados. Ele parecia como nas fotos, então isso era um *plus*. Talvez um pouco mais magro do que eu esperava, mas nada drástico o suficiente para me surpreender. Tinha uma estatura mediana, corpo normal, e bonito, mas não bem o tipo de corpo que te faria sentir frio na barriga. Mason também estava vestindo uma camisa azul, o que fez eu me lembrar do professor West na noite anterior. De um jeito estranho, *isso* me fez sentir um pouco de frio na barriga.

“Não prometo não morder auxiliares estressadinhas.”

Balancei a cabeça para ver se colocava alguma razão em meu cérebro e respirei fundo antes de seguir para me encontrar com Mason.



Sabe aquela sensação que você tem quando vai provar uma coisa e acaba sentindo o gosto de outra? Talvez água e refrigerante? Não que não goste de ambos, mas estava preparada para algo com menos gosto e sem gás e, em vez disso, você sente a efervescência inesperada — bastante efervescência.

Mason era efervescente, enquanto eu esperava que fosse água da torneira. Talvez tivesse sido a palavra *contador* que me levara a ter esses pensamentos preconceituosos de que ele seria um tipo

específico de pessoa. Mas ele era bem mais confiante e atrevido do que eu esperava.

— Você é linda mesmo. Não que, pela foto do seu perfil, eu pensasse o contrário, mas ela só mostra o seu rosto. Acho que não esperava que viesse uma Megan Fox do pescoço para baixo.

— Obrigada... Eu acho. — Embora fosse um elogio, não gostei da forma como ele me olhou.

Tínhamos ido jantar a alguns metros dali e voltamos para o O'Leary para um drinque. Os olhos dele percorriam o meu corpo conforme ele bebia seu quarto drinque de uísque e Coca-Cola, o que era outra bandeira vermelha — três drinks fortes durante um jantar no primeiro encontro? Cada um o deixava mais ousado de uma maneira que eu gostava cada vez menos.

— Você disse que era cem por cento italiana, certo?

— Não. Tenho um pouco de alemã também.

Ele se inclinou em minha direção e colocou uma mão em meu joelho.

— O que acha de ter um pouco mais de alemão em você hoje à noite?

Aff. Eu estava prestes a dizer ao imbecil que iria brincar sozinho naquela noite, quando Charlie interrompeu. *Com o taco.* Do bar, jogou-o próximo a nossos pés, fazendo Mason pular para trás.

— Tudo bem aí? Minha garota não parece muito feliz.

Eu não queria fazer uma cena. Só queria que aquele encontro ruim acabasse.

— Aquele é seu pai? — Mason perguntou.

Ignorei-o e falei para Charlie:

— Está tudo bem aqui. Já estávamos mesmo fechando a conta.

Mason entendeu errado. Depois de engolir o restante de seu drinque, ele se levantou.

— Na minha casa ou na sua?

— Você vai para a sua. Eu vou para a minha.

Ele avançou, e eu recuei.

— Vá embora, Mason. Antes que vá para casa com o taco do Charlie enfiado na sua bunda.

Percebendo que não iria transar, Mason pagou a conta e foi embora. Sorri para Charlie depois que ele saiu.

— Você dobrou o preço do uísque e Coca?

— Taxa extra para babacas.

Dei risada. Sem querer sair logo depois de Mason, me sentei no bar com Charlie por um tempo.

— Encontros são um saco — bufei. — É por essa razão que eu não faço isso com frequência.

— Ainda bem que os encontros, na minha época, não eram como os de hoje. Eu nunca teria conhecido minha Audrey.

A esposa de Charlie havia falecido há, pelo menos, dez anos. Ela sofrera um infarto com pouco mais de cinquenta anos.

— Como vocês se conheceram, afinal?

— Da forma antiga, no mercado.

— Que fofo. Seus carrinhos bateram um no outro, como nos filmes?

— Algo parecido. Audrey estava no corredor de frutas e vegetais escolhendo umas berinjelas e colocou as coisas no carrinho errado. Estava na metade do corredor quando percebeu. Ao voltar para procurar o seu carrinho, percebeu que, dentro daquele que pegara por engano, havia uma lista de compras escrita à mão.

— Ela tinha pegado o seu carrinho?

— Sim. Ela devolveu a lista e disse: “Peguei o carrinho errado. Não gostaria que se esquecesse de itens importantes da sua lista”.

— O que tinha na sua lista?

Charlie deu de ombros.

— Estava escrito “queijo e outras merdas”.

Franzi a testa.

— Literalmente? Dizia *queijo e outras merdas*? Não tinha uma lista das outras merdas?

— Eu só me importava em lembrar do queijo. Gostava de uma fatia de cheddar à noite antes de dormir. As *outras merdas* incluíam o resto e não eram tão importantes. — Charlie olhou em volta. — De qualquer forma, Audrey sorriu para mim, e meu coração bateu duas vezes mais rápido, de um jeito esquisito que nunca tinha batido antes. Pensei que estivesse tendo um ataque cardíaco. Precisei me sentar bem ali ao lado das berinjelas para voltar a respirar. No fim, não foi apenas queijo e merdas que peguei no supermercado aquele dia.

— Talvez eu devesse tentar o supermercado. Não acho que encontros on-line sejam para mim.

— Eu nunca tentei, mas parece idiota. Faz você imaginar um checklist mental do que está procurando em um parceiro e, então, tentar encontrar pessoas que consigam cumprir todos os requisitos. Mas a realidade é que não importa quais itens são marcados. Quando você conhece a pessoa certa, seu coração vai te avisar. — Ele deu uma piscadinha. — E outras partes de seu corpo.

Capítulo 3

Rachel

Eu não estava atrasada. Estava *extremamente* atrasada.

Também precisava de um banho, um mecânico, uma garrafa de vinho e, bem possivelmente, de um novo emprego — não necessariamente nessa ordem. E pensar que eu estava meia hora adiantada, a apenas quatro quarteirões da faculdade. Tinha bastante tempo para encontrar uma vaga no estacionamento e ainda chegar quinze minutos antes do horário marcado com o Professor Pontualidade, e mostrar-lhe que eu conseguia chegar na hora. Mas então... uma explosão. Um *bum* alto seguido de um longo *whoosh*. Tentei ignorar e continuei dirigindo, mas, num certo momento, a repetitiva engasgada para a direita do meu carro me obrigou a parar.

Era um saco. Mas eu tinha tempo, e o Davis, meu ex-colega de quarto, ex-qualquer coisa que tenha sido por um tempinho, me ensinou a trocar pneu. Tudo estava bem... no começo. Tirei o macaco, ergui o carro como uma profissional e comecei a trabalhar no pneu furado. Tudo estava fluindo bem até eu chegar no último parafuso. O maldito estava travado. *Realmente travado*. Em certo momento, já que o parafuso estava na parte de cima, coloquei a chave inglesa nele e usei o pé para tentar ceder — mesmo assim, nem se mexeu. Então, tive a brilhante ideia de que talvez devesse colocar *todo* o meu peso nela. Assim, pulei na alavanca que a chave fazia, torcendo para que a força repentina soltasse o maldito parafuso. Mas, em vez disso, a chave inglesa escorregou e, de algum jeito, quicou e voltou, me acertando direto na canela.

Agora eu estava vinte minutos atrasada, minha perna estava me matando, e eu tinha acabado de chegar mancando à escola no calor de trinta graus, cheirando a graxa. Minha única esperança era de

que, talvez, o professor West também tivesse tido um pneu furado e estivesse atrasado. Era uma chance remota, mas eu precisava acreditar em alguma coisa para não ter uma síncope ao andar apressada pelos corredores.

Quando cheguei no auditório, dei uma olhada antes de abrir a porta. Claro que o professor West estava sentado à sua mesa.

Respirei fundo e entrei para enfrentar a ira.

— Antes que diga qualquer coisa, eu estava meia hora adiantada. Juro.

Ele estava escrevendo em um *planner* e, quando ergueu a cabeça, eu o vi usando óculos pela primeira vez. *Droga. Eles o deixavam ainda mais sexy.* Eu era louca de achar até sua cara de bravo linda?

— E o que aconteceu hoje, Srta. Martin? Você se distraiu no momento entre estacionar em local proibido meia hora atrás e encontrar a minha sala de aula? Parou para brincar na terra, talvez?

— O quê?

Ele me olhou de cima a baixo.

— Você está com o rosto e as roupas cobertos de terra.

Ergui a mão até o rosto, e comecei a esfregar a bochecha.

— Oh. Isso não é terra. É graxa.

— Isso melhora muito a situação.

— Meu pneu furou no meio do caminho. — Não fazia ideia de onde meu rosto estava sujo, mas estava nervosa e esfregava lugares aleatórios enquanto falava. — O parafuso estava travado, e não conseguia tirar. Tentei...

— Srta. Martin — ele interrompeu. — Pare de fazer isso.

— Mas é verdade. Realmente tentei chegar aqui cedo. Calculei todo um tempo extra e então, bum, um pneu furado. Não foi minha culpa dessa vez.

— Não estava me referindo à sua história elaborada. Pare de esfregar o rosto. Olhe para as suas mãos.

Verifiquei a palma das mãos. *Merda.* Estava cheia de graxa.

— Sujei todo meu rosto.

Ele pegou alguns guardanapos de dentro de sua escrivaninha, se levantou e andou até mim.

— Seu rosto está cheio de graxa. Por que não vai ao banheiro lavá-lo?

Assenti. Virei-me, dei alguns passos em direção à porta e, então, pensei em uma coisa.

— Você estará aqui quando eu voltar?

Professor West sorriu.

— Sim, Rachel. Estarei aqui esperando. Parece ser nosso lance.

Depois de limpar a graxa das mãos e do rosto, pensei em tentar lavar a mancha grande na minha camisa, mas isso não deu muito certo. Até então, tinha encontrado meu novo chefe três vezes. Na primeira vez, dei um sermão nele, na segunda, interrompi a sua aula vestindo uma camisa com mancha de café e, na terceira vez, o fiz esperar por quase meia hora e entrei coberta de graxa, parecendo um desastre. As coisas só melhoravam.

Quando voltei à sala, o professor West já havia guardado suas coisas.

— Desculpe. Você tem aula agora?

— Não. Mas vai começar a escurecer logo, então é melhor irmos.

Escurecer?

— Humm... ok. Podemos remarcar? Talvez eu possa chegar mais cedo amanhã e então, antes da aula, verificamos rapidamente o que você gostaria que eu fizesse?

— Não. Faremos isso hoje à noite. — Ele colocou a mão na minha lombar, guiando-me em direção às escadas do auditório com ele. — Você não precisa trabalhar no seu outro emprego, precisa?

— Não. Tirei a noite de folga.

— Não há mais aulas aqui esta noite, então podemos voltar depois que terminarmos.

— Depois que terminarmos?

— Com seu carro. Vou colocar seu estepe e te seguir até um mecânico. Então, podemos voltar e verificar o que precisamos discutir.

— Você vai trocar o meu pneu?

— Não vou te deixar na mão, Rachel.

— Não precisa fazer isso, professor West.

— Claro que preciso. E me chame de Caine.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Engano irresistível"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).